

ENTREVISTA: mulher e maternidade

Depoimento Concedido pela Coordenadora do GEPEM à Rádio Cultura do Pará, no Dia Internacional da Mulher (8/3/2013).

Maria Luzia Miranda Álvares

RC – De acordo com o que vocês observam no grupo de estudos, há uma mudança na forma de pensar das mulheres com relação ao trabalho e a criação dos filhos?

MLA – Primeiramente temos que observar algumas evidências sobre essa questão. O ato biológico de gerar filhos transformou-se em ato mecânico e cultural que se tornou atividade clássica de gerir a casa (gerenciar, administrar, dirigir etc) – veja – gerar filhos não leva necessariamente as mulheres a tarefas da casa. Ela concebe, dá a luz, amamenta, cuida do bebê e de seu trato em todos os níveis – do acalentar ao amamentar – da proteção ao estímulo para que esses bebês tenham qualidade de vida compartilhada.

Mas para que se possa comentar essa situação, é necessário estar atentas aos marcadores sociais. Um deles é o mais acintoso, o mais cruel – o da situação de classe social. Nós não podemos ter o mesmo cálculo sobre os cuidados da maternidade e o ato do trabalho fora de casa entre as mulheres de maior poder aquisitivo e as de menor poder aquisitivo. Aquelas, hoje, avançaram no reconhecimento de que são inteligentes, são saudáveis, e podem ser independentes do salário do marido, companheiro ou parceiro; podem ter um emprego fora de casa para conseguir essa independência financeira. Entretanto, elas têm recursos para assalariar outra mulher, cuidadora dos filhos.

As mulheres de menor poder aquisitivo necessitam deixar os filhos em casa para conseguir o seu sustento e às vezes só ela é responsável pelo salário da família. Às vezes tem uma parenta para cuidar de seus filhos, outras nem isso têm, deixando-os trancados em casa, mas esse é outro assunto.

Então, como/quando se vê essas questões:

a) Há mudança na forma de pensar das mulheres com relação ao trabalho e à criação dos filhos?

MLA – O meu ponto de vista é que há, sim, uma maneira nova de elas pensarem essas ações. Isto é demonstrado pelo contingente feminino que entra no mercado de trabalho, algumas casadas, outras solteiras, mas a maioria já tem sua própria família, seus filhos, um ou dois que seja. Creio que para essa conciliação, cada uma delas tem seu meio próprio e estratégico para conciliar o tempo de trabalho fora de casa e o tempo de ficar com os filhos. Mas para isso precisa-se de uma pesquisa que possa averiguar quais são essas estratégias – ou dividir com o marido, ou com parentas – mães, avós, principalmente; ou creches, sempre muito difíceis de encontrar na classe social de menor poder aquisitivo. Precisa-se também de políticas públicas e pressão para que as empresas possam adequar-se a esse novo momento das mulheres e da sociedade em geral.

b) Elas estão preferindo cuidar dos filhos ou isso acaba acontecendo porque o mercado não é “gentil” com profissionais mães?

MLA – A maioria das mulheres sempre optou cuidar dos filhos, e mais: dos filhos dos outros, de suas amigas, parentas etc. Mas elas se ressentem de que nesse cuidado nem sempre entram seus companheiros. Então, é preciso estimular que a maternidade não é instintiva, é construída. Senão, os homens serão excluídos dessas tarefas a serem compartilhadas e do amor aos filhos. As empresas continuam, sim, discriminando as mulheres que cuidam de filhos, não só na entrada ao emprego profissional, mas também na ascensão funcional. Sabe-se de algumas empresas que quando as mulheres estão afastadas no período de aleitamento, embora elas tenham direito a uma ascensão funcional, elas perdem em relação às outras. Elas têm suas prioridades e se em determinado momento é o de cuidar dos filhos, optam por isso em detrimento do trabalho, do estudo etc. Mas o comum é conciliarem as duas, três situações vivenciadas no cotidiano.

c) Ou será que agora as mulheres estão mais interessadas em ter o direito de escolher (trabalhar ou cuidar dos filhos)?

MLA – Antes, as mulheres casadas que não tinham filhos eram vistas com discriminação. Hoje, independente da instituição do casamento elas querem ter filhos. Podem optar entre uma e outra situação, e até mesmo em deixar de ter filhos e não se importam que a sociedade as discrimine. A pílula anticoncepcional trouxe uma independência para a vida das mulheres e hoje ela tem a sua escolha o direito a engravidar. O trabalho? Bem o trabalho tornou-se importante para ela se sentir amada, compensada a sua inteligência, sentir-se bem interiormente sabendo que além de toda a cultura da natureza da biologia que lhe dá a condição de gerar filhos ela também pode gerir a sua vida não se importando mais com as normas que diziam que a sua condição feminina era só a de ser mãe.

Maria Luzia Miranda Álvares é Professora Associada 3 (IFCG/UFPA). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento/NAEA e Doutorado em Ciência Política/IUPERJ. Experiência na área de Ciência Política, com ênfase em estudos eleitorais e partidos políticos, participação política das mulheres e relações de gênero. Jornalista de “OLiberal”/PA. Coordenadora do GEPEM/UFPA. Coordenadora Regional do OBSERVE.

E-mail: luziamiranda@gmail.com
